

## **AVALIAÇÃO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE PELOTAS-RS**

**DA SILVA, Nathália Victória Pinto**<sup>1</sup>; LINDEMANN, Ivana Loraine<sup>2</sup>; MOUTINHO, Angélica Bandeira Afonso<sup>3</sup>; FONSECA, Camila Torres<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Curso de Nutrição. Universidade Federal de Pelotas; <sup>2</sup>Departamento de Nutrição. Universidade Federal de Pelotas; <sup>3</sup>Curso de Nutrição. Universidade Federal de Pelotas; <sup>4</sup>Curso de Nutrição. Universidade Federal de Pelotas. nath\_vic@hotmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

A alimentação e a nutrição adequada são requisitos essenciais para o crescimento e desenvolvimento infantil. Durante a infância, cuidados específicos com a alimentação são necessários, pois as práticas alimentares são importantes determinantes das condições de saúde da criança (CASTRO; NOVAES; SILVA; *et al*, 2005). Cabe destacar que os hábitos alimentares adquiridos nessa fase da vida podem permanecer na adolescência e idade adulta, repercutindo, muitas vezes, de maneira negativa sobre a saúde desses indivíduos (OLIVEIRA; CERQUEIRA; SOUZA; *et al*, 2003).

Neste sentido, a educação nutricional proporciona os conhecimentos necessários e a motivação coletiva para contribuir na formação de atitudes e de hábitos de uma alimentação saudável, completa, adequada e variada (CERQUEIRA, 1985). O processo deve envolver o domicílio, a escola e a família (BURSTROM; HAGLUND; TILLGREN; *et al*, 1995).

A escola é o lugar ideal para a construção de hábitos saudáveis de crianças por ser esse um ambiente voltado para a educação e, as atividades desenvolvidas geralmente apresentam grandes repercussões (PÉREZ; ARANCETA, 2001).

Monitorar o crescimento é de utilidade singular na avaliação do estado de saúde e de nutrição da criança, além de ser decisivo no diagnóstico da desnutrição protéico-calórica, fornece subsídios relevantes em diagnósticos de outras doenças nutricionais e do estado geral da saúde (MONTEIRO, 1984).

Transformações significativas vêm ocorrendo no perfil nutricional da população, processo conhecido como transição nutricional (POPKIN, 2001). No Brasil, essa modificação pode ser observada mediante inquéritos domiciliares no período de 1975, em que dados demonstram uma diminuição na desnutrição em todo país, com intensidades diferentes entre as regiões e os estratos sociais. De acordo com Monteiro *et al.* (1999) em menores de cinco anos a prevalência de desnutrição caiu de 20,1% para 5,6% entre 1975 e 1996. Na referida pesquisa, a prevalência de sobrepeso aumentou de 4,9% para 17,4% entre crianças de 6 a 9 anos de idade (WANG *et al*, 2002).

Assim, o presente estudo apresenta informações sobre o estado nutricional de escolares que freqüentam a primeira série do ensino fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Pelotas, RS.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado no mês de maio de 2011, em uma escola municipal de ensino fundamental localizada no bairro Areal na cidade de Pelotas-RS, com crianças matriculadas na primeira série no turno da manhã, perfazendo um total de 37 alunos. Realizou-se, em dia previamente agendado com a direção da escola, uma dinâmica de educação nutricional e logo após foi realizada a aferição de peso e altura. Os instrumentos (balança da marca Tanita Solar com capacidade de 150 kg e precisão de 100g e estadiômetro Alturaexata) para avaliação nutricional foram cedidos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Todas as informações e medidas antropométricas foram obtidas na própria escola por três acadêmicas do curso de nutrição que estavam realizando estágio curricular na área de saúde pública. A dinâmica apresentada foi um jogo de memória que abordava questões referentes à alimentação saudável, hidratação e prática de atividade física.

Para análise do estado nutricional foi calculado o índice de massa corporal (IMC), obtido pela fórmula  $IMC = \text{peso (kg)} / \text{altura (m)}^2$  e a classificação foi feita pelas novas curvas da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2007).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliadas 37 crianças, das quais 24 (64,9%) eram meninas e 13 (35,1%) meninos. As crianças tinham entre seis e sete anos de idade.

A tabela abaixo, estratificada por sexo, apresenta o diagnóstico nutricional dos escolares.

Tabela 1 – Descrição do estado nutricional de escolares segundo sexo. Pelotas-RS, 2011.

Variável Sexo	Estado nutricional		
	Eutrofia n (%)	Sobrepeso n (%)	Obesidade n (%)
Masculino	8 (61,5)	2 (15,4)	3 (23)
Feminino	15 (62,5)	5 (20,8)	4 (16,7)

O perfil antropométrico da maioria das crianças era de eutrofia (62,2%), resultado semelhante, porém maior (89,7%), foi encontrado no estudo de Lima et al realizado em 2008 no município de Alfenas-MG com pré-escolares.

Em relação ao sobrepeso, a proporção foi maior entre as meninas, resultado também constatado no estudo de Anjos et al. (1999), que avaliou o crescimento e estado nutricional em uma amostra probabilística de escolares no município do Rio de Janeiro. Já a obesidade foi mais prevalente em meninos. Viera et al. (2008), em censo escolar realizado em Pelotas com 20.084 escolares, também constataram maior proporção de obesidade em meninos (14,1%) do que em meninas (13,1%). Esses resultados demonstram que os níveis de excesso de peso são preocupantes em escolares.

Em estudo realizado por Triches & Giugliani (2005), com escolares de dois municípios do RS, observou que as crianças com IMC mais alto, apresentavam menor conhecimento sobre alimentação saudável. Tais resultados ressaltam a importância da realização de intervenções nutricionais no ambiente escolar, podendo ter papel positivo na prevenção de doenças crônicas futuras.

## 4 CONCLUSÃO

A preocupação em relação ao excesso de peso cada vez mais prevalente entre as crianças suscita a busca por maneiras mais efetivas na prevenção desses distúrbios em escolares. O desenvolvimento de projetos de educação nutricional nas escolas mostra-se como uma alternativa, na medida em que estudos mostram que crianças com IMC alto podem se tornar adultos com sobrepeso ou obesidade. Saliencia-se a relevância de ações que visam à promoção de saúde na infância, pois é um momento crucial na formação de hábitos alimentares e uma conseqüente adoção de um estilo de vida saudável. A escola mostra-se como um ambiente estratégico para a formação de hábitos saudáveis.

## 5 REFERÊNCIAS

ANJOS, L. A.; CASTRO, I. R. R.; ENGSTROM, E. M.; et al. Crescimento e estado nutricional em amostra probabilística de escolares no município do Rio de Janeiro, 1999. **Cadernos de Saúde Pública**, Brasil, v.19, p.171-179, 2003.

BURSTRÖM, B.; HAGLUND, B.J.A.; TILLGREN, P.; BERG, L.; WALLIN, E., ULLÉN, H.; et al. Health promotion in schools: policies and practices in Stockholm County. **Scand J Soc Med**. v.23, n.1, p.39-46, 1995.

CASTRO, T. G.; NOVAES, J. F.; SILVA, M. R.; et al. Caracterização do consumo alimentar, ambiente socioeconômico e estado nutricional de pré-escolares de creches municipais, **Revista de Nutrição**, Brasil, v.18, n.3, p.321-330, maio/jun. 2005.

CERQUEIRA, M. T. Educación em nutrición: Metas e metodologia. **Boletín de La Oficina Sanitaria Panamericana**, v.99, p.498-509, 1985.

GAGLIONE, C. P.; TADDEI, J. A. A. C.; COLUGNATI, F. A. B.; et al. Educação nutricional no ensino público fundamental em São Paulo, Brasil. Projeto reeducação aos riscos de adoecer e morrer na maturidade. **Revista Brasileira de Nutrição**, v.19, n.3, p.309-20, 2006.

LIMA, D. B.; SIMÕES, T. M.; LÚCIA, F. D.; et al. Crescendo com saúde e nutrição: Aplicação do Lúdico na educação nutricional. **Revista em Extensão**, v.8, n.2, p.59 - 67, ago./dez. 2009.

MONTEIRO, C. A. Recentes mudanças propostas na avaliação antropométrica do estado nutricional infantil: uma avaliação crítica. **Revista de Saúde Pública**, v.18, n.1, p.56-63, 1984.

MONTEIRO, C. A.; CONDE, W. L. & POPKIN, B. M. A tendência secular da obesidade segundo estratos sociais: Nordeste e Sudeste do Brasil.1975-1989-1997. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia**, v.43, n.3, p.186-194, 1999.

OLIVEIRA, A. M. A.; CERQUEIRA, E. M.M.; SOUZA, J. S.; OLOVEIRA, A. C. Sobrepeso e obesidade infantil: Influência de fatores biológicos e ambientais em Feira de Santana, BA, **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metodologia**, Brasil, v.47, n.2, p.144-150, abr. 2003.

PÉREZ, R. C.; ARANCETA, J. School based nutrition education: lessons learned and new perspectives. **Public Health Nutr**, v.4, n. 1A, p. 131-139, 2001.

POPKIN, B. M. The nutrition transition and obesity in the developing world. **Journal of Nutrition**, v.131, p. 871-873, 2001.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. J. Obesidade, práticas alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares. **Revista de Saúde Pública**, Brasil, v. 39, n. 4, p. 541-547, 2005.

VIEIRA, M. F. A.; ARAÚJO, C. L. P.; HALLAL, P. C.; et al. Estado nutricional de escolares de 1º a 4º séries do Ensino Fundamental das escolas urbanas da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Brasil, v.24, n.7, p.1667-1674, jul, 2008.

WANG, Y.; MONTEIRO, C. & POPKIN, B. M. Trends of obesity and underweight in older children and adolescents in the United States, Brazil China, and Russia. **American Journal of Clinical Nutrition**, v.75, n.6, p.971-977, 2002.

WHO. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. The WHO child growth standards. Disponível em: <http://www.who.int/childgrowth/en>.